

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 01 – 2010, JANEIRO

Assinatura até 31.12.10: 11 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Y no era más que una tilde; menos, un punto de i, arrugadita y humilde diciendo a todo que si. Me miraba con ternura

tras cristal y cristalino. Yo fui el último sobrino que niño siempre perdura. Perdura en mi frente impreso el perfume de su beso.

Gerardo Diego, Tía Matilde, Versos Escritos, 1970 Editorial Gredos, S.A., Madrid

Llora calma y a solas, y procura calmar sin queja el mal que te desvía: el mundo desdeñoso se reíría, con crueldad, de tu bárbara amargura.

La angustia, que ennoblecía, es limpia y pura, aprende a amarla y la amarás un día, que pueda ser entonces tu alegría y habrá de ser tu única ventura.

Vana es la vida cual vanal falacia. Sufre serenamente, en tal manera que ni des un gemido en tu desgracia.

Esconde para ti tu pena entera, y pide humildemente a Dios la gracia de tornarla tu dulce compañera.

Manuel Bandeira 1886-1968, Renuncia

Noche ¡Sola! En mi lecho de dulcísimo abrigo cae la luz enfermiza de un pálido lunar; mis ojos cierro abúlica para ver si consigo, siquiera por momentos, un sueño conciliar.

Por la ventana, al filo de entreabierto postigo, entra un perfume humano a revolotear. ¿Eres tú, casto amor? ¿Eres tú dulce amigo, que ahora vienes mi yerma soledad a poblar?

Me alucina el insomnio; ando con peso incierto. Eres tú, eres tú, reconozco el olor. Corro y abro la puerta: solo sombra y desierto.

Bien sé que estes aromas son mi letal beleño, son esencia de tu alma ¡oh mi divino amor! respirada en la frágil ilusión de un ensueño.

Gilka Machado 1893-1980, Insmome

Pena de amor, que males ocasiona, solo en el mismo amor dá recompensa; el desdén que causara pena inmensa una buena palabra lo condona.

Mano que hierre, hierro que aprisiona, obstáculos no son que amor no venza; en luz transforma la tiniebla densa, por la sonrisa amor todo perdona.

¡Ay de aquel amador que no es amado, y después de sufrir toda amargura por quien le causó mal no fue curado!

No ha de encontrar en otro amor ventura: le queda el corazón despedazado que mal de amor solo el amor lo cura.

Ana A. C. de Mendonça 1896-1971, Mal de Amor

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Por nosso irmão não se conta quem apenas nos exalta e, sim, quem também aponta, censurando-a, nossa falta.

Adélia Victória, Fanal 0912: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP

Mil belezas eu já vi, mas nenhuma igual a esta: minha linda Icarafá, uma praia sempre em festa.

Alda Corrêa Mendes Moreira ☎ 25.05.09 www.espelhopoetico.pro.br

Que os amantes da poesia ao passar por este espaço possa sentir a energia e o calor do nosso abraço!

Helena Agostinho, 0912 Koisalinda: Rua Liberdade 182 14085-250 – Ribeirão Preto, SP

É bem verdade que a vida é o hoje, apenasmente, o ontem é etapa vencida, o amanhã é só na mente.

Miguel J. Maly, 0912 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia, CE

Seja em casa humilde, pobre, com dias de angústia, pranto, ou num lar de rico e nobre a vida tem seu encanto.

Nato Azevedo, 0911 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br

A treva que mais me assombra é aquela de quem se induz a ampliar a própria sombra, dando as costas para a luz.

Wandira Fagundes Queiroz, 0911 Bali: Caixa Postal 47 28570-970 – Itaocara, RJ

A humanidade é suicida, o apelo do rio ignora; a correntezinha, poluída, vai levando a vida embora...

Angelica Mª Villela Rebello Santos

Chuva amiga, seja breve, pedir-lhe angustiada, eu venho, o meu barraco não leve porque ele é tudo o que eu tenho.

Argemira Fernandes Marcondes

A inocência da criança, qual alvorada sem véu, é só candura e bonança, tem qualquer coisa de céu.

Joel Hirenaldo Barbieri

A vida dura um momento, uma piscada de olhar, por isso, mesmo sedento, dê água a quem precisar.

Judite de Oliveira

Nas lavouras de café, ou nos vinhedos fecundos, os imigrantes, com fé, levantaram novos mundos!

Luiz Antonio Cardoso

Trabalho, não, meu senhor, você me deixa assustado. Só quero ser um doutor, na pele de deputado!

Maria Marlene N. Teixeira Pinto

V Coletânea – 2008, 1ª Edição, Academia Taubateana de Letras – Gentileza de Maria Marlene Nascimento Teixeira Pinto

QUIDAIAS DE VERÃO



TEMAS DA SAZÃO VERÃO

Pescando, escondura ao bagre desengonçado com cabeça dura.

Fernando L. A. Soares

Brinquedo boiando, criança desaparece. Terrível enchente...

Maria App. Picanço Goulart

Folia de Reis, com estandarte na mão. Roupas a caráter.

Mª Marlene N. T. Pinto

Com velas acesas, barcos levam ao mar... dádavas. Festa de lemanjá.

Maria Reginato Labruciano

Meninos em volta da jarra cheia de suco. Tempo de caju.

Regina Célia de Andrade

Sauva de asas na panela de barro, tempero à vontade.

Sérgio Baldan

Nas cores vibrantes, ao som do maracatu. Meninada dança.

Suely da Silva Mendonça

HAICUS E M FOLHA



O sol vai morrendo e, as flores do flamboia se aquietam, douradas... J

Amália Marie Gerda

Sob o sol ardente, casais se refestelando com água de coco. J

Analice Feitoza de Lima

O vento sacode as flores do flamboia. Tapete de pétalas. A

Cecy Tupinambá Uihôa

Patinhas de gato remexem a terra fofa. Caracol à vista. C

Angelica Villela Santos

Vovó na pracinha bebendo água de coco e a casca suando. C

Denise Cataldi

Um rastro pateado. Caminho do caracol pelo meio-fio. B

Analice Feitoza de Lima

Calor muito forte. Garrafas de água de coco encham a geladeira. T

Angelica Villela Santos

Crianças catando caracol no mangue; fartura na mesa. J

Denise Cataldi

Enfeitando a rua com suas flores vermelhas, velho flamboia. E

Analice Feitoza de Lima

Camelô feliz, com um calor assim, haja água de coco. J

Argemira F. Marcondes

Minha casa nova tem belo flamboia na vizinha... T

Denise Cataldi

Pé de flamboia cheio de flores vermelhas. Colibris volteiam. E

Djalda Winter Santos

Até o caozinho saboreia a água de coco. Não deixa uma gota. T

Djalda Winter Santos

Estrada de terra. Caracol vai len-ta-men-te até seu destino. T

Djalda Winter Santos

Com a faca na mão vendedor prepara o copo de água de coco. E

Edmilson Felipe

Fim da São Silvestre corredores do flamboia água de coco. J

Edmilson Felipe

Orvalho na relva caracol passeia livremente. T

Edmilson Felipe

Flamboiãs sombreiam calçada da orla da praia. Casais namorando. E

Flávio Ferreira da Silva

Beira-mar, água de coco, banho de sol. J

Flávio Ferreira da Silva

Sombra na calçada sob a árvore frondosa flamboia florido. J

Larissa Lacerda Menendez

Ao lado do ouvido água em movimento coco fechado. J

Larissa Lacerda Menendez

Entre as folhagens concha e antenas caracol ereto. T

Larissa Lacerda Menendez

Ao sol da manhã olhos eretos de um caracol. E

Manoel F. Menendez

Sol no Minhocão. Degusta a água de coco, bastante suado. J

Manoel F. Menendez

À sombra da Rua Chácara do Carvalho, flamboiãs floridos. T

Manoel F. Menendez

Praias do Nordeste – barracas de água de coco atraem turistas. J

Renata Paccolla

Ambulante vende a fruta, copo ou garrafa com água de coco. T

Renata Paccolla

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.01.10, enviar até 3 haicus de quigos: Arara, Caqui, Estrela cadente. Até o dia 28.02.10, enviar até 3 haicus de quigos: Dia das Mães, Folha amarelada, Tucano.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82 05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

DEPORTEIRA FECHADA

José Augusto Coppi, Antologia de Contos 2002 da Ases – Associação de Escritores de Bragança Paulista, www.asesbp.com.br – Gentileza Walma da Costa Barros

– “Seu dotô divogado, daqui pra frente, não arreda pé!” – Joaquim, moreno espigado, de voz pigarreada, foi curto e grosso.

Dr. Rochedo, surpresa com a atitude do guia, perguntou:

– Como não vai, criatura?

– “Por nenhum dinheiro cruzo essa portera. Da portera pra frente, tudo é

assombrado. Não vou não e digo mais: inda ta pra nacê home que me obrigue fazê asnera tamanha! – Joaquim disse.

Tarde de ensolarada. O advogado enxuga o suor do rosto. Com dificuldade desce do jipe. Desabafa:

– Coronel Belmiro não me disse que o rochedo era frouxo, Seu Joaquim. Dr. Rochedo caminha até a porteira e olha

fazenda adentro. Sente um friozinho na espinha. Nada comenta. Homem da cidade, com pós-graduação, mestrado e doutorado, não dá ouvidos à conversa de assombração. Chega a sentir pena do rochedo tão moço e ainda cheio de credices. Mas, experiente, vivido, Dr. Rochedo respeita esse tipo de sentimento. Não caçoa de Joaquim, tenta, mais uma

vez, convence-lo:

– Vem comigo, Seu Joaquim! Assombração, se é que existe, aparece só à noite. O rochedo já desceu do jipe. Está irredutível. Num piscar de olhos, começa a preparar um cigarro de palha de milho. – “O combinado com o coronel, meu patrão, foi o de eu trazê o dotô intê a portera. O dotô esqueceu disso?”

– É verdade! O senhor tem razão, Seu Joaquim. Mas o senhor sabe como é: eu tinha esperança de convence-lo a vir comigo porteira adentro. Dr. Rochedo faz uma pausa, olha para o jipe.

– Diga-me, Seu Joaquim, esse jipe consegue passar pelo mato e chegar à casa-grande?

Joaquim parece explodir de alegria:

– “Ara se consegue! Esse matinho, entre os triú, não segura o jipe não sinhô. Tá veno aquela curva? Depois dela é só reta e plaino, plaino que dá gosto. Em segunda, devagarzinho, o dotô vai pará na frente da casa-grande.”

Conhecedor de códigos, leis e acórdãos, Dr. Rochedo estava diante de um desafio. Em toda a sua vida jamais havia dirigido um jipe.

O advogado havia deixado a capital para resolver, de vez por todas, ele mesmo, a venda da fazenda a pedido da proprietária, uma viúva que passara a vida longe dali. Ela recomendou-lhe estado em fazenda de coronel Belmiro e confabular com o coronel o preço da fazenda. Por ser vizinho, o coronel tinha preferência na compra.

Dr. Rochedo trazia a procuração e o preço de cem. Prestativo, investiu-se da função de corretor. Viu-se, de hora para outra, diante da porteira com o abacaxi para descascar. No entanto, havia um lado bom em tudo isso: quem sabe a fazenda da viúva o agradasse. Se assim fosse, ele deixaria a vida agitada da capital, passaria o resto de seus dias a cultivar a terra, a engordar gado, a respirar ar puro, longe de avenidas e arranha-céus.

Coragem não faltava a Dr. Rochedo. Ele se aproximou da porteira e teve uma triste visão. O mató havia tomado conta da fazenda. O abandono fazia dó aos olhos.

Depois da porteira, as marcas daquilo que outrora foram trilhões, seguiam a sombra de eucaliptos a perder de vista. Era um caminho sombrio, horrificante, de dar medo, somado a uma quietude de mau agouro.

Na boléia do jipe, a porteira escancarada, Dr. Rochedo ainda insistiu:

– O senhor não vem mesmo, Seu Joaquim?

Vã tentativa. Perda de tempo e saliva. O roceiro fez não com a cabeça e benzeu-se quando, aos trancos, o jipe passou pela porteira abrindo caminho fazenda adentro.

Joaquim considerava metade da missão, cumprida. Ficaria ali, à sombra de um jobatá avermelhado, tirando salutar cochilo. Ele tinha certeza de que em menos de vinte minutos, talvez nem isso, o advogado estaria de volta. Não se deu ao trabalho de fechar a porteira. Até podia imaginar a cena: o doutor a voltar de olhos arregalados mijado na calça, assombrado dos pés à cabeça. Tal cena não seria novidade para Joaquim pois, muitos compradores, alguns de mais coragem que Dr. Rochedo, ele havia trazido até a porteira: todos voltaram assustados.

A fama de fazenda assombrada havia se espalhado pela região. A casa-grande abrigava coisa do outro mundo.

Por sua vez, Dr. Rochedo pegara o jeito do jipe e avançava nos trilhos pondo o mató abaixo. O primeiro susto foi com um bando de codornas levantando vôo de supetão. Nada demais, foi um susto à-toa perto do que ele iria passar. Para :Dr. Rochedo tudo o que Joaquim havia dito era falatório de gente do mató, crendices, bobagens. “Assombração não existe” – pensava ele.

Enquanto Dr. Rochedo invadia a fazenda, Joaquim, despreocupado, adormeceu à sombra do jobatá, mas deu apenas o primeiro ronco e eis desperto pelo barulho de jipe vindo em alta velocidade.

De um salto, Joaquim caiu em tamanha gargalhada. Ria da cara de espanto do Dr.

Rochedo. O plano de seu patrão, coronel Belmiro, havia funcionado outra vez. Era retornar a fazenda do coronel e assistir de camarote à negociata onde seu patrão daria as cartas. Certamente, o advogado, pário com o acontecido na casa-grande, venderia a fazenda da viúva por qualquer preço.

Refeito do susto, calça trocada, já na fazenda de coronel Belmiro, Dr. Rochedo pôs-se a pensar. Sua meta era vender a fazenda por cem, no entanto, levando em conta o abandono e a fama de assombrada, aceitaria, de bom grado, cinquenta.

À mesa de negociação, Dr. Rochedo não disse tal preço ao coronel. Ficou na defesa arrumando o contra-ataque. O coronel, todo-poderoso, raposa velha, colocou na balança os prós e defeitos da fazenda vizinha. É claro, os defeitos foram realçados dando maior ênfase à casa-grande assombrada.

O resto da tarde e boa parte da noite foi utilizada para confabulações entre o coronel e o advogado. O preço sugerido pelo advogado foi cinquenta. O coronel ofereceu dez, o advogado pediu, pelo menos, trinta. Depois de várias ligações à viúva, Dr. Rochedo convenceu-a a aceitar a quantia de quinze, última oferta do coronel. Fecharam nos quinze.

No outro dia, ao entardecer, o coronel voltou da cidade com a escritura da fazenda assombrada à mão. Era um fim de tarde com solzinho, garças preguiçosas nos arvoredos, aves e gados recolhendo-se, paz na fazenda.

O moreno Joaquim, um tal Deolindo e um tal Antônio, todos os três, pausmandados do coronel, acomodaram-se

com ele na varanda. Coronel Belmiro mostrava os dentes em riso tamanho. Dispensou o café de bule; mandou vir cachaça feita ali no alambique da fazenda acompanhada de tira-gosto à vontade. O advogado era motivo de chacota.

Um gole aqui, outro acolá, risos. Joaquim não se cansava de falar da fisionomia assustada do Dr. Rochedo. De repente, o estraga-azer. Deolindo diz: – “Chi coroné! Eu nem sei, mais preciso dizê uma coisa pró sinhô.” Silêncio, completo silêncio. Coronel Belmiro fica curioso.

– Pois fale, Deolindo! Desembuche logo o que tem a dizer, homem! – a voz sonora do coronel é uma ordem.

Deolindo bebe, de uma vez, a cachaça do copo. Faz uma pausa. Sabe mui bem: vai dizer algo que magoará o coronel. O silêncio cresce, Deolindo engole saliva. Por fim, toma coragem e diz:

– “Coroné, nós, eu mais Antonio, nunca fizemo aquilo que o sinhô mandô. Sempre que nós chegava perto da casa-grande, um vozeirão, um barulho esquisito vinha de dentro da casa. A gente espiava de longe o compradó chegá e logo fugi. Nós dava risada e tremeno de medo fugia tamém.”

Antônio também quer se explicar: – “Cruz credo dizê isso, coroné. Naquela casa-grande tem alma penada. A fazenda da viúva é mesmo assombrada. Num falamo antes praquê não tivemos corage”.

Depois disso, coronel Belmiro quase enfarta. Cospe a cachaça e, com ela, que se lhe vai a dentadura. Ele não quer acreditar nas palavras que acabou de ouvir.

– Então vocês nunca fizeram o combinado? Nunca assustaram os compradores? Meu Deus! Estou perdido, completamente perdido! Comprei uma fazenda realmente assombrada. Paguei quinze, não encontrarei cinco.

Aquilo que seria uma festa, acabou antes de começar. O coronel expulsou todos da varanda. Cachaça e petiscos foram recolhidos pela empregada. Naquela noite o coronel dispensou o jantar, a sobremesa e o cafezinho. Perdeu o sono em pensamentos amargos. Contudo, ao final do dia seguinte, um tipo barbudo e cabeludo, procurou pelo coronel. Chegou montado num alazão de crinas longas. Ofertou cinco pela fazenda assombrada. Coronel Belmiro não quis pensar mais e melhor. Vendeu a fazenda. Depois da escritura passada, Joaquim, Antônio e Deolindo, pediram a conta ao coronel. A razão desse procedimento, coronel Belmiro não se deu ao trabalho de saber. Aceitou o pedido deles.

Três anos depois, por acaso, coronel Belmiro e Dr. Rochedo encontram-se numa sala de espera de aeroporto. Após o quebra-gelo, o assunto da fazenda assombrada vem à tona. O coronel retira da maleta uma revista desgastada. Folheia a revista e encontra a reportagem sobre: “Campeões de Produtividade”. A foto, de página inteira mostra a porteira que Dr. Rochedo jamais esqueceu. Junto à porteira, Joaquim, Deolindo, Antônio e um de cabelos longos escorridos. São os campeões, a sorrir.

Coronel Belmiro diz:

– A compra e venda da fazenda da viúva foi o pior negócio de minha vida. Sem dúvida foi um caso típico em que o feitício virou contra o feiticeiro. Se o doutor tiver tempo, vou explicar o porquê.

M A U S O L É U

Nelson Rodrigues, A Vida como Ela é..., Seleção: Ruy Castro, 6ª reimpressão, 1995, Companhia das Letras – Gentileza de Látvia Lacerda Menendez

Durante uma hora maciça, deixou-se ficar, em pé, numa contemplação espantada. Lá estava a mulher, de pés unidos, as mãos entrelaçadas, entre as quatro chamas dos círios. Paisentes e amigos tentavam convence-lo: “Senta! Senta!”. Mas ele, fiel à própria dor, era surdo a esses apelos. Como insistissem, acabou explodindo: “Não me amolem, sim?”. E continuou, firme, empertigado, No fundo, achava que sentar, em pleno velório da esposa, seria uma desconsideração à morta. Uma hora depois, no entanto, cansou. E esta contingência física e prosaica fê-lo transgír. Ocupou uma cadeira entre dois amigos. Uma senhora gorda, aliás vizinha, inclinou-se, suspirando:

– É por isso que eu não topo viajar de avião!

– Pronto. A dor do viúvo, que estava provisoriamente amortecida, reagiu. Ergueu-se, alucinado. E foi um custo para conte-lo. Aparentando a cabeça entre as mãos, encheu a sala:

– Sabem o que é que me dana? Hein? Sabem? – interpelava os presentes; e prosseguiu: ~ É de que, do Rio para São Paulo ou vice-versa, não cai avião nenhum, ninguém morre. É o tipo de viagem canja, que todo mundo faz com um pé nas costas. É ou não é?

– É. Mergulhou o rosto nas duas mãos, soluçando:

– Então, como é que Arlete vai morrer nessa viagem besta? Como?!...

Várias pessoas vieram confortá-lo:

– Calma, Moacir, calma!

Debateu-se nos braços que procuravam conte-lo: “Eu quero morrer também, oh, meu Deus!...”.

HISTÓRIA DE AMOR

Estavam casados há um ano. E, agora, no meio do velório, desganhado, Moacir fazia confidências públicas: “Nossa vida foi uma lua-de-mel tremenda!”. Rilhava os dentes, evocando o beijo cinematográfico que dera no aeroporto, pouco antes de partir de avião. A esposa ia a São Paulo visitar uma tia doente, e Moacir, retido no Rio por uma série de negócios, não pôde acompanhá-la. Agora se arrendia de uma maneira atroz;

esbravejava: “Ah, se eu soubesse! Se eu pudesse adivinhar!”. E sustentava a tese de que teria sido, para ele, um altíssimo negócio, um negócio da China, ter despendido no mesmo avião, abraçado à mulher. E repetia:

– Como vai ser? Como vai ser?

Às dez horas da manhã, saiu o enterro. E, então, foi uma tarefa hercúlea controlar a dor furiosa de Moacir. Ele se arremessava contra as paredes; atirava-se no chão. Os pais da morta, as irmãs pararam de chorar, intimidados, ante uma dor maior. Não queriam deixar o viúvo ir ao cemitério; ele teve que prometer: “Eu fico quietinho! Juro que eu fico quietinho!”. E, de fato, comportou-se, lá, relativamente bem. Na saída, virou-se para o coveiro, numa recomendação patética: “Trate direitinho da sepultura, que eu dou uma gratificação, ouviu?”. Enfiou a mão no bolso, apanhou cem cruzeiros, que passou ao fulano:

– Pra uma cervejinha! Mas não se esqueça, sim?

A DOR

Encerrou-se na própria residência, disposto a viver em função de sua dor. Estava disposto a sofrer para o resto da vida. Encheu a casa de retratos da esposa. Segundo a maledicência jocosa da vizinhança, havia retratos até na cozinha. Os amigos e parentes, aprensivos, comentavam entre si: “Isso já é loucura!”. Por outro lado, adotara um luto fechadíssimo. Ofendeu-se quando o sócio sugeriu, de boa fé: “Põe fumo. Basta fumo. É mais moderno e não impressiona tanto”. Recuou vários passos; enfureceu-se:

– Que negócio é esse de modernismo pra cima de mim? Tira o cavalo da chuva!

O outro quis argumentar:

– Mas vem cá, fulano, sou teu amigo, que diabo! Luto é uma coisa mórbida, doentia, desagradável!

Exultou, numa satisfação feroz:

– Pois que seja! Ótimo! Eu gosto de ser mórbido, eu pago pra ser doentio!

O sócio saiu dali assombrado. Foi dizer para as relações comuns: “Quero ser mico

de circo se o nosso Moacir não está meio lélé!”. Permitiu-se, ainda, o comentário profético: “Vai acabar rasgando dinheiro!”.

O SÓCIO

Chamava-se Escobar, o sócio. Podia não ser muito amigo do Moacir, mas havia, entre os dois, vínculos mais eficazes que os simplesmente afetivos: os interesses comuns. E verdade seja dita: o Moacir fazia uma falta imensa na firma. Ele era, no negócio, o gênio administrativo, ao passo que o Escobar contribuía com as idéias. Absorvido pela vivueza, ocupado em chorar a esposa, Moacir não tinha cabeça para pensar na vida prática. Com razão, o Escobar alarmou-se: “Assim não vai. Ou o Moacir volta, ou damos com os burros n’água!”. Dedicou-se, então, a arrancar o sócio de suas pesadas atribuições, Todos os dias ia visitá-lo: “As coisas lá na firma estão calamitosas!”. O outro, de barba crescida, olhos incandescentes, cabeleira, um vago ar de Monte Cristo, resmungava: “Não interessa!”. Insistia o Escobar, escandalizado: “Como não? Você tem interesses, deveres, responsabilidades!”. Desta vez, Moacir não respondia. Imergia numa ardente e fúnebre meditação. Era óbvio que seu pensamento pairava em alturas inimagináveis. E, súbito, sem a menor relação com os assuntos do amigo, empreendia a exaltação da mulher. Era taxativo: “Tu não imaginas, tu não podes fazer a mínima idéia! Era a melhor mulher do mundo!”. Dramatizava:

– Qualquer outra não chegava aos pés da minha! Não era nem páreo pra minha! – E, pondo a mão no braço do Escobar, acrescentava: – Nunca mais, ouviste?, nunca mais quero nada com mulher nenhuma. Te juro! Te dou minha palavra de honra!

Escobar erguia-se atônito:

– Toma jeito, Moacir! Nem tanto, nem tão pouco! Isso não é normal! Isso é contra a natureza!

Moacir, trêmulo, replicava:

– Pois eu quero que a normalidade e a natureza vão para os diabos que as carreguem!

Seu consolo, agora, era o mausoléu, à base de anjos, que mandara erguer para a falecida.

A IDÉIA

Passaram-se mais dois meses e o Moacir continuava imprestável. Escobar quebrava a cabeça: “Tenho que descobrir um jeito, um modo, uma maneira de salvar essa besta!”. Como era sujeito fantasista, que se envaidecia das próprias idéias, acabou descobrindo uma solução. Convocou uma mesa-redonda de parentes dól sócio. Avisou:

– O negócio está nesse pé: ou o Moacir vem trabalhar ou a firma vai direitinho para o beiléu. Vocês confiam em mim ou não?

A resposta foi reconfortante e unânime: “Confiamos!”. Escobar pigarreou, para clarear a voz: “Eu tive uma idéia que me parece genialíssima. Deve ser tiro e queda. E quero saber se vocês me autorizam, no escuro, a usar essa idéia. Autorizam?”. Silêncio. Os parentes se entreolhavam. Um porta-voz indagou: “Podia-se saber que idéia é essa?”. Respondeu o Escobar:

– Não. O segredo é a alma do negócio. E considero minha idéia boa demais para antecipá-la. Direi apenas que se trata de uma mentira. Mentira necessária e salvadora. Vocês me autorizam a mentir? Sim ou não?

Novo silêncio e nova manifestação do porta-voz: “Sim”. Escobar esfregou as mãos, radiante: “Então vou mergulhar de cara”.

A MENTIRA

Seguro de si, invadiu a casa do amigo e sentou-se a seu lado; entrou, como ele próprio diria depois, de sola: “Olha aqui, Moacir: teu problema é mulher, percebiste? Tens que arranjar, imediatamente, uma ou várias mulheres. Ou então, estás liquidado”. O outro, que estava sentado, ergueu-se trêmulo: “Estás maluco? Doido?”. Mas Escobar continuou num impressionante descaso, com a pergunta: “Topas uma farrinha hoje? Conheço um lugar que tem um material de primeira. Olha! Cada

pequena daqui!”. Moacir disse, numa espécie de uivo: “Nunca! Nunca!”. Chegara o grande momento. Escobar esmagou a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro; dizia, sem desfilar o amigo: “Tu sabes que és meu, do peito, não sabes?”.

– Mais ou menos.

– Pois bem. Há uma coisa que tu precisas saber e que saberias mais dia menos dia. Vou te contar porque, enfim, não gosto de ver um amigo meu bancando o palhaço.

– Fala.

Escobar pousou a mão no ombro do sócio: “Tua mulher foi a São Paulo pra quê? Por causa de uma tia?”. E o próprio Escobar, exultante, respondeu: “Não! Pra ver o amante! Sim, o amante!”. Foi uma cena pavorosa. Quase, quase, o Moacir estrangula o amigo. Mas Escobar sustentou até o fim. Tornou sua mentira persuasiva, minuciosa, irresistível: “Eu mesmo vi os dois, juntos, em Copacabana...”. Decorara, ao acaso, o nome de um dos passageiros do mesmo avião e o repetia: “Vê, na lista, se não está lá, vê! Inventou o pretexto da tia para acompanhá-lo!”. Uma hora depois, Moacir arriava na cadeira, desmoroado; rosnavia: “Cínica! Cínica!”. Em pé, vitorioso, Escobar perguntava: “Topas agora a farrinha? Topas?”. Ergueu-se, desvairado:

– Topo!

OS QUERUBINS

Foi, com o amigo, e já sem luta, ao lugar combinado, que era a casa de uma tal Geni. Saiu de lá, bêbado e quase carregado, ao amanhecer. No dia seguinte, sem dizer nada a ninguém dirigiu-se ao cemitério. Durante uns quinze minutos, ficou vendo os operários que trabalhavam no mausoléu da fina Arlete. Era um mausoléu caríssimo, baseado numa alegoria de querubins, coroando a pureza da morta. Súbito, teve o acesso. Apanhou a picareta mais próxima e investiu, num desvario, fendendo os querubins de mármore. Quando o dominaram, o chão estava cheio dos anjos mutilados. Foi arrastado; e vociferava:

– Não pago mais as outras prestações dessa droga! Não dou mais um tostão! – esganicava a voz. – Minha mulher era uma cachorra!